

DIÁRIO DE UM LADRÃO DE OXIGÊNIO

ANÔNIMO



DIÁRIO DE UM LADRÃO DE OXIGÊNIO

DIÁRIO DE UM LADRÃO DE OXIGÊNIO
ANÔNIMO

Tradução de Alexandre Martins



Copyright © 2006 by Anonymous

TÍTULO ORIGINAL

Diary of an Oxygen Thief

PREPARAÇÃO

Ângelo Lessa

REVISÃO

Nina Lua

Ulisses Teixeira

FOTO DE CAPA

Cortesia do autor

ADAPTAÇÃO DE CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO.

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A625d

Anônimo

Diário de um ladrão de oxigênio / Anônimo ; tradução
Alexandre Martins. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

160 p. ; 21 cm.

Tradução de: Diary of an oxygen thief

ISBN 978-85-510-0059-5

1. Romance inglês. I. Martins, Alexandre. II. Título.

16-34852

CDD: 3823

CDU: 821.111-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Matty

1

Eu gostava de machucar garotas.

Mentalmente, não fisicamente. Nunca bati em uma garota na vida. Bem, uma vez. Mas foi um equívoco. Mais para a frente falo disso. A questão é que aquilo me excitava. Eu sentia prazer de verdade.

É como quando você ouve um serial killer dizer que não se arrepende, que não sente remorso por todas as pessoas que matou. Eu era assim. Adorava. E também não ligava para quanto tempo demorava, porque não tinha pressa. Esperava ficarem totalmente apaixonadas por mim. Até que aqueles olhos grandes e redondos estivessem olhando para mim. Eu adorava a expressão de choque no rosto delas. Depois, o olhar vidrado ao tentarem esconder o quanto eu as magoara. E era legal. Acho que matei algumas delas. Quer dizer, suas almas. Era das almas que eu estava atrás. Sei que cheguei perto disso umas duas vezes. Mas não se

preocupe. Eu recebi meu merecido castigo. Por isso estou te contando isso. A justiça foi feita. O equilíbrio foi restaurado. A mesma coisa aconteceu comigo, só que pior. Pior porque aconteceu comigo. Agora me sinto redimido, sabe? Limpo. Eu fui punido, então não tem problema falar disso tudo. Pelo menos é o que eu acho.

Carreguei a culpa dos meus crimes por muitos anos depois de ter parado de beber. Eu não podia nem olhar para uma garota, que dirá acreditar que merecia interagir com elas. Ou talvez só estivesse com medo de que vissem através de mim. Seja como for, depois de entrar para os Alcoólicos Anônimos passei cinco anos sem nem sequer beijar uma garota. Verdade. Nem na mão eu segurava.

É sério.

Acho que no fundo eu sempre soube que tinha um problema com bebida. Só nunca fui capaz de admitir. Eu bebia apenas pelo efeito. Mas, até onde eu sabia, não estava todo mundo fazendo a mesma coisa? Comecei a me dar conta de que havia algo errado quando passei a levar surras. Minha língua sempre me arranjava problemas, claro. Eu ia até o maior cara do lugar, erguia a vista para olhar para as narinas dele e o chamava de bicha. Aí, quando ele me dava uma cabeçada, eu dizia: “Você chama isso de cabeçada?” Então o sujeito me dava outra, com mais força. Na segunda vez eu já não tinha tanto a dizer. Uma das minhas “vítimas” enfiou minha cabeça na boca de um fogão elétrico portátil. Em Limerick. A Cidade das Facadas. Tive sorte de sair vivo daquela casa. Mas ele fez isso porque eu fiquei facaneando fua língua preva. Talvez por isso eu tenha passado para as garotas. Mais sofisticadas, saca?

E elas não me espancavam. Simplesmente me encaravam, incrédulas e chocadas.

Os olhos delas, entende?

Todo o fingimento e todas as regras se dissolviam. Só havia nós dois e a dor. Todos aqueles momentos íntimos, cada leve suspiro, aqueles toques suaves, o ato de fazer amor, as confidências, os orgasmos, as tentativas de chegar ao orgasmo — tudo não passava de combustível. Quanto mais envolvidas estavam, mais bonitas pareciam quando o momento chegava.

E eu vivia para esse momento.

Durante esse período, trabalhei como freelance na área de publicidade em Londres. Diretor de arte. Uma grande contradição. É o que faço até hoje. Estranhamente, sempre consegui ganhar dinheiro. Mesmo na escola de belas-artes eu recebia uma bolsa, porque meu pai tinha acabado de se aposentar e, com isso, de repente passei a ter direito ao benefício. E depois consegui um emprego atrás do outro sem muita dificuldade.

Eu nunca pareci um bêbado, apenas era um, e de qualquer modo, naquela época, a publicidade era um ramo em que as pessoas bebiam muito mais do que hoje. Como freelance, eu era dono do meu próprio nariz, por assim dizer, e me mantinha ocupado garantindo uma sequência de encontros marcados. Nenhuma das garotas deveria saber disso. A ideia era formar uma fila impressionante para que, quando uma delas se aproximasse da maturidade — em geral, após três ou quatro encontros com alguns telefonemas nos intervalos —, outra entrasse no jogo. Assim, quando uma ia para a lixeira, a nova ocupava o seu lugar. Não

havia nada de incomum no meu método, todo mundo fazia isso. Mas eu gostava tanto... Não do sexo, nem mesmo da conquista, mas de causar dor.

Foi depois da noite maluca que passei com a Pen (já volto a esse assunto) que me dei conta de que havia encontrado meu nicho na vida. De algum modo eu conseguia atrair aquelas criaturas para o meu covil. Passava metade do tempo tentando afastá-las, mas isso tinha o efeito contrário. E o fato de elas se sentirem atraídas por um merda como eu fazia com que as odiasse ainda mais do que se rissem na minha cara e fossem embora. E quanto à aparência? Não sou grandes coisas, mas dizem que tenho olhos lindos. Olhos dos quais não poderia brotar nada além da verdade.

Dizem que, na realidade, o mar é negro e apenas reflete o céu azul. Assim era comigo. Eu permitia que você se admirasse nos meus olhos. Eu fornecia um serviço. Eu escutava, escutava e escutava. Você se armazenava em mim.

Nunca na minha vida nada me tinha parecido mais certo. Para ser sincero, ainda hoje sinto falta de machucá-las. Não estou curado disso, mas já não me dedico sistematicamente a destruir, como costumava fazer. A falta que sinto da bebida não é nem metade da que sinto disso. Ah, machucá-las de novo. Desde aqueles dias inebriantes eu ouço um ditado que parece se aplicar a essa situação: “Pessoas machucadas machucam pessoas.”

Agora entendo que estava sofrendo e queria que os outros também sentissem isso. Era minha forma de me comunicar. Eu conhecia as mulheres e conseguia o obrigatório número do telefone na primeira noite; então, depois de alguns dias, para fazê-las suar um pouco de ansiedade, eu li-

gava e ficava todo nervoso. Elas adoravam. Eu as chamava para sair, fingia que nunca fazia “esse tipo de coisa” e dizia que não saía muito em Londres porque, na verdade, não conhecia bem a noite da cidade. Essa parte, entretanto, era verídica, já que só o que eu costumava fazer era perder o controle nos bares ao redor de Camberwell.

Nós então combinávamos de nos encontrar em algum lugar. Eu gostava de Greenwich, com o rio, os barcos e, claro, os pubs. E a área tinha um ótimo clima de romance. Agradável e respeitável. Antes mesmo de nos encontrarmos eu já estava meio fora dessa sintonia, mas ainda assim eu era divertido, encantador, pueril e trêmulo. Tentando me deixar à vontade, elas sorriam e faziam comentários sobre meu tremor, pensando que eu estava nervoso porque queria causar uma boa impressão. Como eu não estava bebendo o suficiente, minha alma tremia. Eu tinha que pedir duas doses duplas de uísque no balcão para cada meia cerveja que elas tomassem. Virava os Jimmys sem que elas vissem e seguia em frente com o show.

Adorável.

Eu não ligava nem um pouco se as levava para a cama ou não. Só queria uma companhia enquanto me embebedava, enquanto esperava crescer dentro de mim a coragem de machucá-las. E elas pareciam satisfeitas porque eu não tentava agarrá-las. Às vezes eu tentava. Porém, na maioria dos casos me comportava muito bem. Isso continuava por alguns encontros. Nesse meio-tempo eu as encorajava a falar de si.

Isso é muito importante para o momento bem-sucedido posterior. Quanto mais elas confiam e investem em você,

mais profundo é o choque e mais prazeroso é o momento no final. Então, eu ficava sabendo sobre os hábitos dos seus cachorros, os nomes dos seus ursinhos de pelúcia, o temperamento dos pais, os temores das mães. Eu gostava de crianças? Quantos irmãos eu tinha? Um seriado que eu precisava ver até o fim. Mas tudo bem, porque eu sabia que iria cortá-las do elenco.

Elas falavam sem parar, e eu concordava. Erguiam uma sobrancelha estratégica. Faziam uma careta quando necessário. Soltavam uma gargalhada cruel ou fingiam estar em choque, o que fosse preciso. Eu observava as pessoas conversando e registrava suas expressões faciais. Interesse: erga uma sobrancelha; erga ou baixe a outra, dependendo da conversa.

Atração: tente ficar com o rosto ruborizado. Essa não é fácil (pensar no que faria com ela mais tarde ajudava). E um rubor geralmente produzia um rubor. Ou seja, se eu conseguia um enrubescimento, ela muito provavelmente retribuiria o rubor. Solidariedade: franzir a testa e anuir devagar. Encantamento: inclinar a cabeça para um lado e dar um sorriso de quem está pedindo desculpas. Eu empregava essas máscaras pré-fabricadas no momento certo. Era fácil. Prazeroso. Os caras faziam isso o tempo todo para transar. Eu fazia para ficarmos quites. Ser cruel com o mulherio, essa era a minha missão. Mais ou menos nessa época descobri o significado da palavra “misógino”. Lembro-me de achar hilário ela ter “gino” como sufixo, que me lembrava “vagina”.

Só sei que me sentia melhor quando via outra pessoa sofrendo. Mas é claro que, com frequência, elas não deixa-

vam transparecer o quanto eu as havia machucado. Sim, ajudá-las a externar o que sentiam era um desafio em si, mas também era terrivelmente frustrante ter todo aquele trabalho e não poder desfrutar de uma cena dramática. Foi por isso que se tornou necessário condensar tudo em um único momento ilustrativo.

A Sophie era do sul de Londres. Foi a figurinista de Angus Brady na comédia *Não Está Feliz em me Ver?*. Eu a conheci numa festa da escola de belas-artes de Camberwell em que entrei de penetra. Depois dela teve aquela designer — cujo nome sinceramente não consigo lembrar — que sei com toda a certeza que machuquei, porque ela nunca mais me telefonou. É engraçado isso, porque, embora eu nunca mais a tenha visto nem tenha falado com ela, sei que ficou mal.

E como eu sei?

Eu sei.

Teve a Jenny. Foi ela quem jogou cerveja na minha cara. Fiquei animado por ter ajudado a provocar tanta fúria.

Depois veio a Emily. Mas na verdade ela não conta, porque era tão boa quanto eu, senão melhor, no que quer que seja isso que fazíamos. Eu meio que me apaixonei por ela. A Laura apareceu em algum momento por aí. Era uma ex-assessora de imprensa de bandas, com uma bunda fantástica que havia sobrevivido a uma filha pequena. Certo dia acordei e vi uma menina de oito anos me observando enquanto eu tentava me libertar dos tentáculos sardentos da mãe comatosa. E então, depois de ela ter me deixado culpado o bastante para levá-la à escola, fiquei com a impressão de que mãe e filha utilizavam plenamente os homens que passavam por suas vidas. Como os indígenas

americanos e o bisão, os esquimós e a foca, a mãe que recebe benefícios sociais do governo e eu.

E teve aquela que começou tudo.

Penelope Arlington. Eu saía com ela havia quatro anos e meio. Muito tempo. Ela era legal comigo. Mais do que qualquer outra garota já tinha sido. Quando eu falava, ela virava a cabeça para mim e parecia se entregar ao significado das palavras. Eu gostava daquilo. Só muito depois descobri que ela era horrível na cama. Na época, eu achava que ela era uma libertina. Não. Mas é ela quem mais me arrependo de ter magoado. Por quê? Porque a Penelope não merecia. Não que as outras merecessem, mas a Pen não teria me largado se eu não a tivesse destruído. E eu precisava que me largasse, porque ela estava se colocando entre mim e a minha bebida.

Certa noite simplesmente surtei. Fazia anos que eu vinha borbulhando. Aquece a fogo brando, esquenta, borbulha, cozinha... gorgoleja. Fiquei completamente bêbado, e toda uma sequência de acontecimentos começou a se agitar. Por que alguém decidiria partir o coração de uma pessoa que amava? Por que causar aquele tipo de dor de forma intencional?

Por que as pessoas matavam umas às outras?

Porque elas gostavam disso. Será que era mesmo assim, tão simples? Despedaçar uma alma é mais fácil quando o perpetrador já passou pela mesma experiência. Pessoas machucadas machucam pessoas com mais habilidade. Um especialista em partir corações conhece o efeito de cada incisão. A lâmina penetra quase sem ser notada, a dor e o pedido de desculpas chegam ao mesmo tempo.

Pessoas machucadas machucam pessoas.

Imagine que Holden Caulfield é um alcoólatra e Lolita é uma assistente de fotografia e que, de alguma forma, eles se encontram em *Nova York: Uma Cidade em Delírio*. Ele só enxerga o amor. Ela, a ambição.

Diário de um ladrão de oxigênio é a confissão de um homem paranoico, dependente de álcool, de drogas e de abusar emocionalmente de suas parceiras que um dia leva o troco. Um texto franco, irônico e extremamente realista de um narrador duvidoso, sobre o que fazemos – e a que nos sujeitamos – para suprir vazios que nem mesmo entendemos.

“Excêntrico, artístico e digno de embevecimento.”

New York Magazine

“O autor faz um grande trabalho. Amei.”

Junot Díaz

